

Notas sobre o conceito de inconsciente
em *O Seminário, livro 11: os quatro
conceitos fundamentais da psicanálise* –
Uma homenagem a Elizabeth Cruz Müller¹

*Notes on the concept of the unconscious in The Seminar of
Jacques Lacan: the four fundamental concepts of psychoanalysis
(book XI) – A tribute to Elizabeth Cruz Müller*

Bruno Cardoso Lages*

Resumo

O presente artigo explora as implicações da afirmação de Jacques Lacan de que o inconsciente é estruturado como linguagem, utilizando como referência o Seminário 11 do autor francês. Procura-se argumentar que, ao aproximar as ideias de Freud sobre o inconsciente das teorias da linguística estrutural, principalmente como elaboradas por Ferdinand de Saussure, Lacan busca recuperar a dimensão revolucionária do pensamento freudiano, especialmente no que se refere à natureza insubordinada do inconsciente. Lacan introduz o conceito de “hiância”, um vazio

¹ As ideias aqui propostas são tributárias dos seminários coordenados pela psicanalista Beth Müller, de quem fui aluno, no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Nunca esquecerei sua impressionante capacidade de fazer silêncios ruidosos. Era frequente que, diante de nossos questionamentos e comentários, Beth, seus gestos, seu olhar, desacelerassem. Ela entrava em um estado de reflexão com todo o corpo. Mais de uma vez, me senti arrebatado pela cena despuddorada de uma pessoa sem pressa para falar diante de dezenas de outras à espera de sua reação. Mais arrebatado ainda eu ficava quando ela finalmente começava a falar. Para mim, e imagino que para muitos outros que tiveram a oportunidade de testemunhar seu pensamento vivo, ao vivo, Beth segue ensinando a pensar. “A psicanálise, antes de tudo” – dizia ela no seu tom de voz enérgico, vivaz e rabugento, “vem trazer uma má notícia”. Fazia todo sentido e, ao mesmo tempo, porque era ela a mensageira desse terrível anúncio (não existe essa coisa chamada “felicidade”), com sua inteligência brilhante, seu senso de humor, sua cultura, a atmosfera se enchia de uma alegria vibrante, palpável. O texto que segue iniciou como um artigo escrito para a Beth, como requisito de conclusão do módulo Introdução a Lacan da formação no CPRJ. Gosto de pensar que é, em escala nanoscópica, um capítulo dos *Seminários da Beth Müller*, que embora falassem quase sempre de Lacan, falavam ainda mais dela própria, com quem tive a imensa felicidade (sim, essa mesma) de conviver.

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. brunolages@gmail.com

fundamental, e inverte a equação saussureana, colocando o conjunto virtualmente infinito de significantes na posição de numerador a expressar de formas variadas os significados – agora postos na posição fixa de denominador – “sexo” e “morte”.

Palavras-chave: Inconsciente. Lacan. Seminário 11. Linguagem. Hiância. Desejo.

Abstract

This article explores the implications of Jacques Lacan's assertion that the unconscious is structured like a language, referencing the author's Seminar, book XI. It aims to argue that, by aligning Freud's ideas about the unconscious with the theories of structural linguistics, primarily as elaborated by Ferdinand de Saussure, Lacan seeks to recover the revolutionary dimension of Freudian thought, particularly concerning the unruly nature of the unconscious. Lacan introduces the concept of "void," a fundamental emptiness, and inverts the Saussurean equation by placing the virtually infinite set of signifiers in the numerator position to variably express the signified — now fixed in the denominator position — of "sex" and "death."

Keywords: Unconscious. Lacan. Seminar 11. Language. Void. Desire.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas notas introdutórias sobre o pensamento lacaniano acerca do inconsciente, tendo como ponto de apoio o texto do *Seminário 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Elisabeth Roudinesco inicia o prefácio de sua biografia de Jacques Lacan dizendo que ele

(...) procurou introduzir a peste, a subversão e a desordem no âmago de um freudismo moderado do qual era contemporâneo: freudismo que, após ter sobrevivido ao fascismo, soubera adaptar-se à democracia a ponto de não mais reconhecer a violência de suas origens (ROUDINESCO, 2016, p. 6).

Ao fim do mesmo texto, sucinto e enfático, ela afirma que sua intenção, ao contar a história de um dos intelectuais mais relevantes do século XX, era investigar e tentar compreender como

(...) um homem se quis, em plena consciência, o fundador de um sistema de pensamento cuja particularidade foi considerar que o mundo moderno posterior a Auschwitz havia recalçado, recoberto e rompido a essência da revolução freudiana (ROUDINESCO, 2016, p. 6).

A historiadora francesa anuncia, dessa forma, que o pano de fundo da relação de Lacan com a obra de Freud e com o movimento psicanalítico seria marcado por uma dupla corrente de forças: uma grande aderência ao texto freudiano de um lado e, de outro, um espírito combativo que não pareceu conhecer limites na sua disposição de lutar pelo que reconhecia ser o aspecto central da “revolução freudiana”, que ele acreditava estar sendo posta de lado pelos psicanalistas.

Joel Dor, em sua *Introdução à leitura de Lacan* (DOR, 2013) não hesita em reconhecer que a dimensão revolucionária da obra freudiana que Lacan trabalhou para recuperar era a natureza insubordinada do inconsciente. A afirmação feita por Lacan de que “o inconsciente se estrutura como uma linguagem” (LACAN, 1998) é, para Dor, o fulcro do caráter revolucionário que o psicanalista francês enxerga na obra de Freud, sobre o qual ele vai edificar sua vasta e complexa obra, seja em seus artigos ou nos seminários que ministrou ao longo de mais de 20 anos. Assim, Lacan produziu uma obra imensa, não só na extensão de suas páginas, mas por seu alcance, pelas pontes que estabelece entre o

campo psicanalítico e áreas do conhecimento tão diversas quanto a linguística, a matemática, a física e as artes plásticas.

2. O seminário

O décimo primeiro seminário de Lacan foi o primeiro curso que ele ministrou após romper com a Sociedade Francesa de Psicanálise (e com a IPA) e ter tido seus métodos contestados, em especial com relação à duração das sessões. Foi também o primeiro seminário editado e publicado em forma de livro, em fevereiro de 1973. Outra marca distintiva da obra é o fato de Lacan estar falando para um público ampliado formado não apenas por psicanalistas, fora de um ambiente institucional psicanalítico, o que provavelmente o deixou ainda mais livre para levar adiante seu projeto de voltar a Freud e recuperar os conceitos que ele julgava mal interpretados ou simplesmente deixados de lado.

Ao mesmo tempo em que resgatava o que considerava ser a dimensão revolucionária em Freud, fazia uma “depuração” do texto freudiano, deixando de lado o que considerava expressões de um biologismo, de um fisicalismo, que representavam ainda um apego inevitável de Freud às ciências que desfrutavam de muito prestígio na virada do século. Dessa forma, Lacan substitui a economia energética freudiana – influenciada pela física – pela economia do significante, informada pelo estruturalismo, tanto na antropologia (LÉVI-STRAUSS, 2017) quanto na linguística, fundamentalmente inspirado pelas ideias de Saussure (SAUSSURE, 2012) e Jakobson (JAKOBSON, 2013).

3. Notas sobre o inconsciente em Lacan

Para Lacan, o inconsciente tem função de causa. Ao mesmo tempo, o inconsciente é um lugar onde se encontra um vazio, que ele denomina “hiância”, sem o qual essa função de causa não poderia existir. O conceito de hiância Lacan diz ter encontrado, entre outros, em Kant, no *Ensaio sobre as grandezas negativas* (LACAN, 1985, p. 29).

O vazio tem uma função fundamental no inconsciente lacaniano, uma vez que é esse hiato que possibilita que a engrenagem dos significantes deslize, se articule, forme combinações em dois pares de eixos: primeiro, o eixo que articula as partes de um signo linguístico: significante e significado. Segundo, o eixo que articula *langue* e *parole*, língua e fala. Ou, ainda, o eixo onde se encon-

tram uma dimensão horizontal, sintagmática (*parole*) e uma dimensão vertical, paradigmática (*langue*).

Na linguística saussuriana (SAUSSURE, 2012), o signo linguístico é um objeto composto, articulável, feito de significado e significante. O significado é do campo da semântica e é ele que guarda o sentido do signo. O significante é do campo da morfologia, da forma, é o som ou, para usar a terminologia de Saussure, a “imagem acústica”. Para o linguista suíço, uma imagem acústica – um significante – sem um significado, seria apenas ruído ininteligível. Já um conceito sem um suporte acústico, seria uma abstração inalcançável. Os signos, com sua dupla dimensão (significante e significado), são produzidos em um fluxo encadeado em tempo real na fala. Então, por exemplo, na frase “Gosto de maçã”, existe uma sequência de três signos que ganham corpo tanto pela coerência interna a cada um deles (entre suas imagens acústicas e os conceitos que elas expressam), quanto pelas relações que se estabelecem entre eles na frase: verbo transitivo indireto (“gostar”) regendo uma preposição (“de”) ao encontro de um objeto (“maçã”). Verbo + preposição + objeto se articulam horizontalmente na frase. No entanto, cada um deles participa de uma corrente vertical que perpassa essa frase de forma perpendicular: o verbo “querer” faz parte de uma imensa família de verbos transitivos indiretos que poderiam ser utilizados na frase, sem prejuízo da gramática (mas com natural alteração semântica): “**preciso de** maçã”, “**careço de** maçã”, “**entendo de** maçã”, “**lembro de** maçã” e assim por diante. O mesmo se pode dizer do objeto, um substantivo que pode ser substituído por outros de sua classe: “gosto de **melancia**”, “gosto de **praia**”, etc.

Uma imagem que ajuda a visualizar como os eixos sintagmático e paradigmático se articulam é a de um cadeado com segredo. Um cadeado desses costuma formar uma sequência de, digamos, quatro números, que podem, inclusive ser lidos por extenso. Por exemplo, o dono do cadeado pode decidir que o segredo é o ano do nascimento de sua filha, 2008, que pode ser escrito “dois mil e oito”. O que significa que, para abrir o cadeado, a pessoa de posse da senha terá que girar quatro anéis com dez algarismos cada (0 a 9) para formar a sequência 2008 (“dois mil e oito”). O giro de cada anel, com seus dez algarismos, representa o eixo paradigmático. A possibilidade de se ler a sequência de quatro dígitos da esquerda para a direita (como se costuma fazer no ocidente) representa o eixo sintagmático.

Cada vocábulo que enunciamos ao falar pertence a um eixo de onde poderiam sair inúmeras outras palavras de função sintática semelhante, de modo que falar constitui um exercício magnificamente complexo onde inúmeros ei-

xos paradigmáticos estão sendo girados em tempo real e, ao mesmo tempo, se encaixando na frase, no sintagma, formando sentidos. O eixo paradigmático é como um repositório de possíveis termos que estão sendo escolhidos pelo falante no ato da fala e, diferentemente do cadeado do exemplo, possui não apenas um gigantesco léxico “catalogado” no repertório do falante (muito além dos dez algarismos do cadeado de segredo) mas também a possibilidade de se produzir neologismos. Esse depósito é a *língua (langue)*. A forma como ela é invocada por quem forma frases, a frase em si, é a *fala (parole)*. Uma diferença significativa entre língua e fala, é que a fala é marcada por “defeitos”, por lapsos, por desajustes, dada a complexidade do processo de produzir sequências de signos em tempo real.

Saussure estabelece que a ligação entre uma imagem acústica (um significante) e seu conceito (significado) é arbitrária, uma convenção com a qual os membros de uma determinada comunidade de falantes concorda. Por isso, ele elabora uma fórmula como uma fração em que o significante está embaixo da barra e o conceito, o significado, em cima. Um mesmo significante, digamos “manga”, pode ser o “denominador comum” de diversos significados (“numeradores”): a fruta; a parte de uma vestimenta que recobre total ou parcialmente o braço; o verbo “mangar” conjugado na terceira pessoa do singular (“Ela sempre manga de mim”).

Lacan se apropria das ideias de Saussure e faz várias relações entre elas e o funcionamento psíquico humano. Mas antes ele promove uma alteração fundamental, invertendo os termos da fração: significantes vão para a posição de numerador e significados são realocados para debaixo da barra, como o denominador comum a toda elocução. Isso faz sentido se pensarmos que os significantes estarão, em última análise, expressando infinitas variações dos temas que permeiam toda nossa vida psíquica: sexo e morte. Para o psicanalista francês, sexo e morte perfazem o denominador comum das questões psíquicas humanas, não importa que forma (significantes que variam ao infinito na posição de numerador) elas tomem. Para Saussure, significantes podem ocupar posição invariável, enquanto os sentidos mudam. Para Lacan, os sentidos são sempre, ao final, os mesmos – o que muda é a forma como são expressos pelos sujeitos.

O signo saussuriano é literalmente barrado, cindido, assim como o aparelho psíquico, cujo precursor foi o que Freud denominou “aparelho de linguagem” (FREUD, 2013), em seu primeiro livro publicado, antes mesmo de cunhar o termo “psicanálise”. E as articulações entre o que dizemos, quem diz o que dizemos, que sentidos aquilo que dizemos têm, se dão, justamente, nesse vazio,

nessa hiância que é uma das características fundamentais do inconsciente segundo Lacan. Uma imagem ilustrativa da importância de um vazio para que as articulações da fala e das produções do inconsciente possam acontecer é o jogo conhecido como “resta 1”, onde o objetivo é movimentar um conjunto de pinos que se encaixam em furos no tabuleiro, de modo a deixar apenas uma peça ao final. A premissa da movimentação das peças, porém, é que o lugar central do tabuleiro, o furo central, esteja vazio – esse vazio possibilita todo o movimento subsequente.

Voltando-se para a obra freudiana, Lacan lança mão do umbigo dos sonhos para embasar a centralidade da hiância na descrição do inconsciente. Esse umbigo freudiano, diz Lacan, é “o centro incógnito – que não é mesmo outra coisa, como o próprio umbigo que o representa, senão essa hiância de que falamos” (LACAN, 1985, p. 30).

O ponto que Lacan parece querer fazer, acima de qualquer coisa, é que o funcionamento inconsciente é tão complexo quanto o funcionamento das engrenagens que põem o sujeito na fala. Ele insiste em dizer que o inconsciente não é um lugar de mistério, de “divindades da noite”. Ele escreve

A todos esses inconscientes sempre mais ou menos afiliados a uma vontade obscura considerada como primordial, a algo de antes da consciência, o que Freud opõe é a revelação de que, ao nível do inconsciente, há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito – isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, que perde assim o que parecia ser seu privilégio. [...] Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatelada. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que parece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente (LACAN, 1985, p. 31-32).

Ou seja, não é mais (apenas) o “eu consciente” que fala, existem outras instâncias onde uma fala é articulada também de forma complexa, onde significantes são produzidos em cadeias cuja lógica, na maioria das vezes, nos escapa, mas está lá. Lacan pontua que Freud estava o tempo inteiro dizendo isso. Que isso fala nas rachaduras, nos vazios, nos tropeços, na hiância que caracterizam o sonho, o chiste, o ato falho, o sintoma. Diferentemente da língua e sua estrutura ideal, voltando a Saussure, a fala é marcada por uma estrutura que se

faz entre falhas, em desencontros entre a tentativa de expressar a *langue* e o que de fato o sujeito consegue articular com sua língua, com seus dentes, a *parole*. O tempo vertiginoso de produção da fala acaba por propiciar muitos tropeços por onde outros sentidos, diferentes do que o sujeito parece querer articular, podem encontrar um lugar. As línguas evoluem dessa forma e não é por outro motivo que não se fala mais latim no mundo, mas seus derivados surgidos pelo acúmulo incessante de variações ao longo dos séculos: francês, italiano, espanhol, romeno, etc. *Mutatis mutandis*, o mesmo ocorre com a vida orgânica no planeta – é nos “erros” e “lapsos” no processo de transcrição do código genético, inerente à reprodução dos seres durante a divisão celular, que novas formas de vida surgem e outras desaparecem.

O sujeito que se diz falante está sendo ele mesmo, também, falado pelo inconsciente. Aliás, essa condição de ser falado é a origem da constituição do sujeito, que é contaminado pela linguagem dos outros sujeitos que o falam, que falam dele, antes mesmo de ele saber (o) que é. O sujeito é invadido e contaminado por um fluxo de significantes antes mesmo de seu nascimento. Lacan escreve:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam.

O importante, para nós, é que vemos aqui o nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador (LACAN, 1985, p. 28).

É formidável que Lacan possa se referir à criatura humana que fala como “sujeito suposto falante” (LACAN, 1985, p. 19). O sujeito abre a boca e fala, é certo que não é mudo, mas isso não esclarece por que começou a falar. Essa pergunta, aliás – por quê? – aponta para a relação que Lacan diz ter sido feita primeiramente por Freud, entre a hiância e o desejo, entre o desejo e a linguagem. Para Lacan, que Freud tenha traçado essas relações – inclusive falando, para todos os efeitos, do signo linguístico anos antes do curso dado por Saussure – é um traço incontestável do seu gênio.

Lacan diz ainda que o inconsciente diz respeito a algo não realizado, nem ser, nem não-ser. A imensidão do eixo paradigmático e tudo o que ele pode

dizer, mas ainda não disse. Isso aponta para uma abertura que Lacan denuncia como tendo sido “asépticizada” (LACAN, 1985, p. 37). E parece que isso se deu justamente porque quando Freud cita Virgílio em latim (*Flectere si nequeo súperos Acheronta movebo* – Se não posso dobrar os céus, moverei o inferno) era de uma abertura para essa dimensão indomável do humano que Freud se dirigia. Qualquer movimento “asépticizante” está condenado a ser, no mínimo, uma má leitura do texto freudiano.

Essa dimensão indomável do inconsciente, diz Lacan, é justamente o lugar do desejo:

(...) mas aponto que eu disse o desejo, e não o prazer. O prazer é o que limita o porte do quinhão humano – o princípio do prazer é o princípio da homeostase. O desejo, este, encontra seu cerne, sua produção fixada, seu limite, e é em relação a esse limite que ele se sustenta como tal, franqueando o limiar imposto pelo princípio do prazer (LACAN, 1985, p. 38).

O desejo se produz no inconsciente e, sendo assim, tem um caráter de fenda, de inapreensível, “evanescente [...] inacessível à contradição, à localização espaço-temporal, bem como à função do tempo” (LACAN, 1985, p. 38).

Lacan aproxima Freud de Descartes para comentar a posição de ambos em relação à possibilidade de se ter certeza a respeito de algo. No seu *cogito*, Descartes diz que tem certeza de que pensa, porque consegue duvidar: “Estou seguro, porque duvido, de que penso” (DESCARTES, 2018). Lacan diz que Freud também começa por duvidar – de seus próprios sonhos. Ao não levar o conteúdo manifesto do sonho ao pé da letra, ele duvida desse conteúdo. Essa dúvida implica, como em Descartes, uma certeza. E, como em Descartes, a certeza de um pensar, mas um pensar inconsciente. Freud tem certeza de um pensamento que existe “sozinho de todo o seu eu sou” (LACAN, 1985, p. 42).

Descartes não sabia, a não ser que fosse sujeito de uma certeza e rejeição de todo saber anterior – mas nós, nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que isso pensa antes de entrar na certeza (LACAN, 1985, p. 43).

Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo – o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa – pois é Descartes quem o faz. Mas direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é novo – *Aqui, no campo do sonho, está em casa. Wo Es war, sol Ich werden* (LACAN, 1985, p. 50).

A certeza está em que o Isso tem algo a dizer, ainda que não saiba nunca *a priori* o quê. E sendo o inconsciente uma rede de significantes articuláveis de forma complexa, é nessa rede que o Isso tomará infinitas formas. O inconsciente é feito de uma rede de significantes em cujo tecido, eventualmente, “algo se deixa pegar” (LACAN, 1985, p. 51).

Vale lembrar que a rede de significantes não é uma estrutura estática. Ela se movimenta de formas variadas, formando figuras diversas. A palavra “figura” remete, também, às figuras de linguagem, acima de tudo metáfora e metonímia. A metáfora corresponde às condensações a que o sonho submete o conteúdo que por ele se expressa e a metonímia é a figura que promove deslocamentos. Esses deslocamentos, por sua vez, não são totalmente eficazes, há sempre um resto. Assim, o desejo, por sua vez, tem uma dimensão metonímica, já que é sempre o desejo de outra coisa, está sempre deslocado e nunca pode ser realmente atendido, há sempre algo que falta e algo que sobra. A função do desejo, diz Lacan, “é resíduo último do efeito do significante no sujeito. *Desidero é o cogito* freudiano (LACAN, 1985, p. 152).

Uma das consequências do entendimento lacaniano a respeito do inconsciente é retirar o desejo da dimensão do *bios*. Lacan fala do movimento dos significantes como um desfile sob a toada da sexualidade. Por isso, talvez fosse mais preciso falar do desejo como verbo, o desejar. É um movimento potencial a partir do inconsciente que tem efeitos sobre o sujeito. Ele diz:

O inconsciente são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina nos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem. (...) Todos estamos, na medida em que estamos, inclusive aquele que ensina, numa relação com a realidade do inconsciente que nossa intervenção não somente traz à luz, mas que, até um certo ponto, engendra. Vamos ao fato. A realidade do inconsciente é – verdade insustentável – a realidade sexual. Em cada oportunidade Freud articulou isso, se assim posso dizer, com firmeza (LACAN, 1985, p. 147-148).

Lacan se lança a responder por que a realidade sexual do inconsciente é insustentável. Ele nos lembra que a reprodução sexuada não é necessária na natureza – há organismos que são virtualmente imortais, se dividindo e se perpetuando sem a necessidade de um outro indivíduo que o ajude a procriar. A escolha de uma espécie pela reprodução sexuada implica duas coisas: primeiro, uma falta no ser que, para continuar como espécie, necessita se lançar rumo ao outro e, segundo, no sacrifício do indivíduo que passa a se perpetuar

não mais em si mesmo, em clones de si mesmo, mas na produção de outros que, por sua vez, levarão as marcas de sua incompletude, já que cada indivíduo contribui com apenas metade do código genético que dirigirá a construção de um novo corpo.

Fica clara a relação entre sexo e morte: a reprodução sexuada carrega em si a previsão de que todos morrerão, menos o código, que será passado através das gerações, engendradas – para usar o termo que Lacan empregou para descrever nossa relação com a realidade do inconsciente – a partir de análises combinatórias das metades dos códigos genéticos oferecidos pelos seres que fecundam um novo corpo. Ou seja, a pulsão, que é sempre sexual, é também sempre de morte. Sexo e morte são dois aspectos inseparáveis dos movimentos que o sujeito faz ao longo de sua vida. Ainda Lacan:

Sustento que é o nível da análise – se algum passo à frente pode ser dado – que se deve revelar o que é desse ponto nodal pelos quais a pulsação do inconsciente está ligada à realidade sexual. Este ponto nodal se chama desejo, e toda elaboração teórica que persegui esses últimos anos vai lhes mostrar, ao passo a passo da clínica, como o desejo se situa na dependência da demanda – a qual, por se articular em significantes, deixa um resto metonímico que corre debaixo dela, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo. É isto que faz junção com o campo definido por Freud como o da instância sexual no nível do processo primário (LACAN, 1985, p. 152).

4. Considerações finais

A partir da afirmação de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, Lacan desenvolve não só o conceito de inconsciente, mas também o de repetição, transferência e pulsão. Joel Dor afirma que talvez essa seja a mais fundamental das hipóteses em toda a obra teórica de Lacan (que o inconsciente se estrutura como linguagem) (DOR, 2013, p. 3).

A ligação estabelecida por Lacan entre inconsciente e linguagem acrescenta uma nova camada à afirmação que Freud faz em sua décima oitava conferência introdutória à psicanálise, na qual fala justamente do inconsciente: “[o Eu] não é nem mesmo senhor de sua própria casa, mas tem de satisfazer-se com parcas notícias do que se passa inconscientemente na sua psique” (FREUD, 2014, p. 381). Freud diz que a realidade do inconsciente representa um terceiro insulto à

humanidade, tendo sido ferida narcisicamente primeiro por Copérnico, perdendo um lugar de centralidade no universo, e, em seguida por Darwin, que revela que não temos um lugar especial entre os seres que habitam o planeta. Em outras palavras, aquilo que nos constitui, bem como o que constitui nossa vida de relação, opera a partir de frestas, tropeços, lapsos, mal-entendidos.

Somos seres marcados pela hiância, nunca plenamente satisfeitos, sempre sendo deslocados de um suposto centro que, na verdade, não existe. Em seu lugar, o vazio a partir do qual e para o qual aponta o nosso desejo, em direção a vidas possíveis, em constante mutação.

Tramitação

Recebido 07/07/2024

Aprovado 31/07/2024

Referências

DESCARTES, R. *Discurso do método & Ensaios*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DOR, J. *Introduction to the reading of Lacan: the unconscious structured like a language*. New York: Other Press, 2013.

FREUD, S. *Freud - Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. São Paulo: Autêntica, 2013.

_____. *Conferências introdutórias à psicanálise*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22ª edição ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.